

## **A educação escolar como um processo de reprodução da ideologia da classe dominante em Karl Marx**

*Scholar Education as a process of dominant class ideology reproduction by Karl Marx*

Delfino Jorge Banze<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente trabalho analisa a concepção da educação na perspectiva de Karl Marx, partindo da sua concepção materialista da história, segundo a qual os modos e meios de produção condicionam a vida dos homens, a sua forma de pensar e de organização social. Passa pela concepção do trabalho como sendo não só uma atividade essencial do homem, mas também uma atividade que cria a exploração do homem pelo homem, até à concepção da sociologia das classes sociais, a dominante e a dominada. A classe dominante impõe valores e interesses por meio das instituições públicas, inclusive através da escola à classe oprimida. Concluímos que, em Marx, a educação é reprodutora da ideologia da classe dominante. Entretanto, a partir deste pensamento, propomos uma educação que seja libertadora dos povos contra a opressão das elites dominantes, sendo o caso do povo moçambicano. O trabalho é fruto da revisão bibliográfica que consistiu na coleta, leitura, interpretação e análise de textos do pensador.

**Palavras-chave:** Ideologia. Educação. Dominação. Karl Marx.

**Abstract:** This work analysis the Conception of education by Karl Marx departing from his historic materialism conception according to one the manners and ways of production condition the way of life and social organization. It passes by Marx's work conception as being not only an essential activity of man but also an activity that fosters exploration of man for man, until the sociology of classes conception, the dominant and the dominated. The dominant imposes its values and interests by way of public institutions, including the school to the oppressed class. We conclude that, in Marx, education is reproducer of dominant class ideology. From this thought, we propose an education that liberates people against the oppression of the dominant elites, as is the case of the Mozambican people. The work is the result of bibliographic review that consisted of collecting, reading, interpretation and analyzing the thinker's texts with a view to understanding the essence of his thought.

**Keywords:** Ideology. Education. Domination. Karl Marx.

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciências Políticas e Estudos Africanos pela Universidade Pedagógica de Maputo. Assistente Universitário na Universidade Save, Extensão da Maxixe. ORCID: [0009-0003-1780-1066](https://orcid.org/0009-0003-1780-1066) - E-mail: [delsopho@gmail.com](mailto:delsopho@gmail.com).



## **A educação escolar como um processo de reprodução da ideologia da classe dominante em Karl Marx**

Delfino Jorge Banze

### **Introdução**

O trabalho intitulado “A Educação escolar como um processo de reprodução da ideologia da classe dominante em Karl Marx” é uma abordagem hermenêutica que tem como objetivo geral, analisar a concepção da educação enquanto reprodutora da ideologia da classe dominante. Especificamente, pretende descrever o contexto histórico-social e político em que viveu o autor; explicar o seu pensamento atinente à concepção materialista da história e a sociologia das classes e; inferir implicações das suas ideias no âmbito da educação em Moçambique.

Para Marx todas as instituições públicas, inclusive a escola, impõem os interesses e valores da classe dominante para com a classe dominada. A classe dominante nas sociedades modernas é representada pela burguesia ou os capitalistas e a classe dominada é representada pelo proletariado ou os trabalhadores assalariados. O problema que se nos depara a resolver neste trabalho é: como a educação escolar pode ser um processo de reprodução da ideologia da classe dominante, tendo em conta que ela é inserida numa sociedade feita de duas classes: a dominante e a dominada e ela (a educação escolar) é aberta a todos os membros da sociedade sem distinção da classe social?

O tema é relevante na medida em que reflete a história da educação que o nosso país, Moçambique, enfrentou e continua a enfrentar, desde a educação colonial até a educação pós-colonial contemporânea. Sabe-se que em Moçambique a educação pré-independência tinha o objectivo de formar o moçambicano para servir aos portugueses, não para serem doutores ou seres autónomos. O objectivo fundamental era tornar o moçambicano oprimível, como forma de melhor o explorar. Sabe-se, também, que os programas da educação pós-independência e contemporânea dependem dos financiadores internacionais, sobretudo do FMI e do Banco Mundial, estes programas geralmente reflectem os interesses destas instituições para com o país e não as necessidades dos próprios moçambicanos. Portanto, a relevância deste tema consiste em possibilitar-nos uma reflexão sobre a educação do nosso país de modo a percebermos o



## **A educação escolar como um processo de reprodução da ideologia da classe dominante em Karl Marx**

Delfino Jorge Banze

que estará por detrás do tracejamento dos seus currículos e como estes currículos visam apenas continuar um processo de dominação.

Partimos da tese de que a educação escolar é reprodutora da ideologia da classe dominante quando os conteúdos que nela se encontram não reflectem a realidade social em que os membros da classe dominada vivem, ou na medida em que esta educação não possibilita a autotranscendência dos indivíduos mais pobres à categoria dos da classe dominante ou dos capitalistas, servindo apenas para fazer com que os pobres perpetuem a sua posição social de servos dos ricos.

O trabalho está dividido em três capítulos, no primeiro fazemos uma descrição da vida do autor e suas obras. No segundo, explicamos a sua concepção materialista da história e a sua sociologia das classes. No terceiro, concluímos as implicações educativas das suas ideias, expondo a sua visão de educação escolar como um processo de imposição ou reprodução da ideologia da classe dominante para a classe dominada. Por fim, trazemos a conclusão, onde expõe-se o resumo das ideias desenvolvidas ao longo do trabalho e a nossa posição perante essas ideias. De seguida, encontramos a bibliografia que sustentou o trabalho.

As obras de Marx constituem o referencial teórico deste trabalho e a teoria de base serão o seu materialismo histórico e a corrente crítica da economia política e da educação. O materialismo histórico defende que os modos e meios de produção influenciam o modo de pensar dos indivíduos e a sua organização social; o pensamento de Marx insere-se na corrente crítica da Economia Política e da Educação. A corrente crítica da educação defende que a educação, enquanto impositora da ideologia da classe dominante, é opressora, daí a necessidade de uma educação libertadora. Portanto, servir-nos-emos destas correntes, mas numa perspectiva mais estreita, para fundamentar o nosso trabalho.

A metodologia consistiu na revisão bibliográfica, na qual usou-se como métodos a hermenêutica, que consistiu na interpretação e comentários dos textos do autor e de textos de outros que versam sobre o mesmo assunto. Outro método empregue, foi o método crítico-analítico no qual buscamos analisar as implicações positivas e negativas do seu pensamento.



**A educação escolar como um processo de reprodução da ideologia da classe dominante em  
Karl Marx**  
Delfino Jorge Banze

### **Biografia e obras de Karl Marx**

O homem é produto geográfico e histórico-social. O seu carácter, a sua maneira de pensar, a sua cultura são fruto do ambiente em que vive. Por isso, neste capítulo queremos trazer a vida e obras de um dos filósofos mais influentes de todos os tempos, Karl Marx, como forma de melhor o compreendermos.

#### *Biografia de Marx*

Karl Marx nasceu em 1818, em Trier, no Sul da Alemanha. A sua família pertencia à classe média de origem judaica. O pai chamava-se Hirschel Marx, era jurista e a mãe chamava-se Henriete Pressburg, dona-de-casa.

Marx cursou Direito na Universidade de Bonn que prosseguiu na Universidade de Berlim, onde encontrou um ambiente de grande vivacidade cultural e política. O seu supremo mentor ideológico era Hegel.

Entre 1842 e 1843, Marx ocupou o cargo de redator-chefe da Gazeta Renana. Em 1843 casou-se com Jenny Von Westphalen, mulher que trocou o conforto por uma vida de penosas vicissitudes na companhia de um líder revolucionário.

Marx foi amigo, companheiro e co-autor de Engels. Em 1844, Marx e Engels deram início à colaboração intelectual e política que se prolongaria durante quatro decénios. Viveu e submeteu a sua família a uma vida repleta de vicissitudes e instabilidade social e financeira, causadas por constante fuga ao exílio. No exílio tinha dificuldades de criar condições básicas de sobrevivência, o que lhe desesperava. Isto tornou difícil a sua almejada continuação dos estudos económicos e, resignado, acabou aceitando tarefas de colaboração jornalística, entre as quais a mais regular foi a correspondência política para um jornal de Nova Iorque, mantida até 1862. Os seus estudos incomodavam aos capitalistas e criavam intrigas nos órgãos policiais não só do seu país, mas também de outros, o que tornou a sua situação de vida insustentável, deixando-o isolado com o seu único e leal amigo, Fridrich Engels. Foi Engels quem, incondicionalmente, financiou os seus estudos e ajudou-o a sustentar a sua família.



## A educação escolar como um processo de reprodução da ideologia da classe dominante em Karl Marx

Delfino Jorge Banze

Esgotado e abatido pela morte da esposa e de uma das filhas, morreu em 1883. Conta-se que Engels, na oração fúnebre, disse que Marx foi o maior pensador do seu tempo. (Marx, 1996, p. 4-18).

### *Obras de Marx*

A produção intelectual de Marx abrangia trabalhos de Filosofia, Teoria Social, Historiografia e também a Economia Política. Publicou diversas obras, dentre as quais destacamos, *Miséria da Filosofia*, *Manifesto do Partido Comunista*, *A Luta de Classes na França*, *O Dezoito Brumário de Luis Bonaparte* e *Para a Crítica da Economia Política*. Mas considerava até então ter escrito nada relevante.

No contexto dos Anais Franco-alemães, Marx publicou os ensaios intitulados *Introdução à Crítica à Filosofia do Direito de Hegel* e *A Questão Judaica*. Nestes ensaios Marx faz uma viragem da perspectiva liberalista burguesa para o comunismo. Em 1844, escreveu *Manuscritos Económico-Filosóficos*, que só foram publicados em 1932, na União Soviética. Nestes textos Marx critica veementemente o idealismo hegeliano, ao que se contrapõe a concepção materialista influenciada pela antropologia naturista de Feuerbach.

*A Sagrada Família*, foi o primeiro livro em colaboração com Engels; nesta obra Marx rompe com a esquerda hegeliana, o livro expõe a história do materialismo, faz apreciação positiva da crítica da sociedade burguesa do socialismo utópico, representado por Owen, Saint-Simon e Fourier.

De 1845 a 1846, Marx e Engels, concentram-se na elaboração do livro intitulado *A Ideologia Alemã*, que veio a ser publicado em 1932, na União Soviética; esta obra encerra a primeira concepção histórico-sociológica que receberia a denominação de materialismo histórico.

*Teses Sobre Feuerbach* foram anotações para o uso pessoal de Marx, mas que vieram a ser publicados por Engels em 1888.

*Miséria da filosofia (1847)*, é uma resposta ao livro de Proudhon *Sistema das Contradições Económicas ou Filosofia da Miséria*, no qual Proudhon atacou a luta dos



## **A educação escolar como um processo de reprodução da ideologia da classe dominante em Karl Marx**

Delfino Jorge Banze

operários por objectivos políticos e reivindicações salariais, colocando em seu lugar o projecto do intercâmbio harmónico entre pequenos produtores e da instituição de “bancos do povo”, que fariam empréstimos sem juros aos trabalhadores. Marx empenhou-se na proposição de uma tática de reivindicações salariais para o movimento operário, o que expôs nas conferências proferidas em 1847-1848, mais tarde publicadas em folheto sob o título de *Trabalho Assalariado e Capital*.

Publicado no início de 1848, *O Manifesto do Partido Comunista*, esclarece a natureza do partido comunista.

Em 1850, publica *A Luta de Classes em França*. Em 1852, *O Dezoito Brumário de Luis Bonaparte*, em ambas as obras, põe a prova o método do materialismo histórico recém-criado na interpretação viva de acontecimentos da actualidade imediata de então.

*Herr Vogt*, é o livro que oferece um quadro rico da política internacional europeia em meados do séc. XIX.

*O Capital* (1866) é a obra-prima de Marx, em três tomos, nela levanta crítica à economia política (capitalista).

*Crítica do Programa de Gotha* (1875), foi uma redacção de notas, de fundamental significação para a teoria do comunismo (Ibid., p. 4-20).

Como podemos ver, Marx foi um filósofo não apenas muito prolífico mas também muito activo e engajado na academia e na sociedade, sempre na busca de melhores condições da vida dos pobres e da dignidade humana.

### **Do Materialismo Histórico à Sociologia das Classes em Marx**

Segundo o estudioso de Marx e prefaciador da obra *O Capital*, esta obra constitui uma unificação interdisciplinar das ciências humanas, com vista ao estudo multidimensional de determinada realidade social. Ela abrange as áreas de Economia Política e Sociologia, Historiografia, Demografia, a Geografia Económica e a Antropologia e, acrescentamos, Filosofia (MARX, 1996, p. 21).

O pensamento filosófico de Marx está intrinsecamente ligado à sua historiografia económica, isto é, à concepção materialista da história. Entretanto, neste capítulo



## **A educação escolar como um processo de reprodução da ideologia da classe dominante em Karl Marx**

Delfino Jorge Banze

partimos da sua concepção materialista da história para chegarmos a sua concepção da sociologia das classes.

### *Críticas de Marx ao Idealismo de Hegel*

O pensamento de Marx desenvolve-se em oposição ao idealismo de Hegel. Num ensaio intitulado “Crítica da Filosofia do Direito de Hegel” (1848) Marx (2008) sustenta que a filosofia idealista nada mais é do que uma fuga aos problemas concretos da realidade social. Para ele a filosofia especulativa do direito, fundamentada pelo Espírito Absoluto em Hegel, é uma filosofia que se aliena a si própria porquanto defende que as várias instituições do estado podem ser explicadas em si mesmas a partir do desenvolvimento daquilo que ele (Hegel) chamou de Espírito Absoluto. Hegel coloca a essência do estado e das suas instituições no tal corpo metamorfose do Espírito enquanto a essência dos estados e as suas instituições são as condições materiais concretas de vida dos homens.

De facto, o pensamento de Hegel cinge-se no desvelamento da realidade, entendida como desdobramento da Ideia. A ideia-em-si, que é o que se desenvolve, a realidade dinâmica do antes e depois do mundo. Sua antítese, a ideia-fora-de-si, ou seja, o espaço, é a Natureza. A natureza, depois de passar pelas fases dos reinos mineral e vegetal, se desenvolve no homem, em cuja consciência a ideia se torna consciente de si. Esta autoconsciência da ideia é o Espírito, a antítese da Ideia e Natureza, e o desenvolvimento desta consciência é a História (Hegel, 2004, p. 21). Dessa forma, em Hegel as condições materiais de vida das pessoas, as instituições humanas e a história e suas contradições, são produto do desenvolvimento da Ideia, identificando-se com ela como autoconsciência.

Em contraposição, Marx afirma que as instituições jurídicas, políticas e as diversas formas de Estado não podem ser explicadas em si mesmas a partir de tal desdobramento do Espírito, mas são resultados dos meios e modos de produção aplicados dentro de uma determinada realidade histórico-social. Para Marx, a tarefa da Filosofia não deve ser contemplativa como queria Hegel, mas da transformação da realidade social, uma filosofia da *praxis*, que conjugue a teoria e prática, a reflexão e a acção:



**A educação escolar como um processo de reprodução da ideologia da classe dominante em  
Karl Marx**  
Delfino Jorge Banze

*A imediata tarefa da filosofia, que está ao serviço da história, é desmascarar a autoalienação humana nas suas formas não sagradas, agora que ela foi desmascarada na sua forma sagrada. A crítica do céu transforma-se deste modo em crítica da terra, a crítica da religião em crítica do direito, a crítica da teologia em crítica da política (MARX e Engels, 1999a, p. 6).*

O que Marx pretende esclarecer é que uma vez que o céu, a religião e a teologia tinham sido objecto de crítica filosófica até então, era chegado o momento de se passar da crítica metafísica à crítica física, isto é, da crítica à realidade abstracta à crítica à realidade social concreta dos homens. Com isso, Marx não nega a existência da teoria, pelo contrário, ela deve existir e ir ao encontro das massas. A teoria deve poder mover a sociedade para um estado melhor e, para tal, deve ser complementada pela *praxis* (prática). Insiste Marx: “contrariamente à filosofia alemã, que desce do céu para a terra, aqui parte-se da terra para céu” (Idem).

*Marx e a Concepção Materialista da História*

O materialismo de Marx tem sua origem no Materialismo de Ludwig Feuerbach. Feurbach constrói o seu materialismo a partir da crítica à “essência do cristianismo”. Para ele, o cristianismo consiste na hipostatização das qualidades humanas a um ser supremo chamado Deus, ou seja, o cristianismo atribui a um ser superior as qualidades imperfeitas do homem, objetivando a sua própria essência. Neste sentido, Deus é atribuído a essência do homem no grau mais perfeito, ou seja, a essência de Deus se identifica com a essência do homem (Feurbach, 2007, p. 63). O materialismo de Feuerbach consiste em tornar os atributos abstratos de Deus em atributos do homem concreto. Estes atributos são a inteligência, a onipresença, a onipotência, entre outros.

Por meio da Filosofia de Feuerbach, da obra *A Essência do Cristianismo*, Marx passa da concepção idealista da história inspirada por Hegel para a concepção materialista. Todavia, criticou o materialismo de Feuerbach porque, segundo acredita, não critica as actuais condições de vida, vê os homens como simples objectos sensíveis desconectados da soma da actividade viva e física dos indivíduos que o compõem e, quando observa o





## A educação escolar como um processo de reprodução da ideologia da classe dominante em Karl Marx

Delfino Jorge Banze

corpo dos homens esfomeados, cansados e tuberculosos, e não homens sãos, refugia-se na concepção transcendental das coisas e na concepção ideal no interior do género humano, cai portanto no idealismo, precisamente onde o materialismo vê simultaneamente a necessidade e condição de uma transformação radical, tanto da indústria como da estrutura social (MARX e Engels, 1999a, p. 30).

O que Marx pretende afirmar contra Feuerbach é o facto de o materialismo deste não intervir na história.

O materialismo histórico defende que o modo de produção da vida material condiciona o processo geral da vida social, política e espiritual. Marx procurou, portanto, compreender a história real dos homens em sociedade a partir das condições materiais nas quais vivem.

A forma como os indivíduos manifestam a sua vida reflecte exactamente aquilo que são, o que são coincide portanto com a sua produção, isto é, tanto com aquilo que produzem como com a forma como produzem (MARX e Engels, 1999a, p. 12).

Sendo assim, todas as instituições e manifestações humanas estão directa e intimamente ligadas à actividade material dos homens. Assim, a moral, a religião, a metafísica e qualquer outra ideologia, tal como as formas de consciência não tem a aparente autonomia, não tem história, não se desenvolvem em si, mas através do desenvolvimento da produção material e das relações materiais, transformando a realidade, o seu pensamento e os produtos desse pensamento. Em poucas palavras, “[...] não é a consciência que determina a vida, mas sim a vida que determina a consciência” (Ibid. p. 22).

Para Marx a história começa com o trabalho, isto é, o primeiro facto histórico é a produção dos meios que permitem satisfazer as necessidades; o trabalho é uma actividade fundamental do homem, aliás, para ele o homem é essencialmente *homo faber*. Eis as suas palavras:

O primeiro facto histórico é pois a produção dos meios que permitem satisfazer as necessidades, a produção da própria vida material; trata-se de um facto histórico, de uma condição fundamental de toda a história, que é necessário, tanto hoje como há milhares de anos, executar dia a dia, hora a hora, a fim de manter os homens vivos (Ibid. p. 30b).



## **A educação escolar como um processo de reprodução da ideologia da classe dominante em Karl Marx**

Delfino Jorge Banze

Mas, para além de ver o trabalho como atividade fundamentalmente humana, ele analisa os fatores que o tornaram uma atividade massacrante e alienada no capitalismo. No *Capital*, livro em que descreve e critica o sistema político-econômico capitalista, observa que a força do trabalho é transformada em uma mercadoria com dupla face: por um lado, é uma mercadoria como outra qualquer; por outro lado, é a única mercadoria que produz valor, ou seja, que reproduz o capital.

Marx também entende o desenvolvimento histórico-social como decorrente das transformações ocorridas no modo de produção. Nessa análise ele se vale dos princípios da dialética. O método dialético de Marx difere do de Hegel, porquanto o do seu mestre é idealista enquanto o seu é materialista, daí o nome materialismo dialético ou dialética materialista. Em Hegel a dialética é um instrumento de legitimação da realidade existente. Já no pensamento de Marx, a dialética permite compreender a história em seu movimento, em que cada etapa é vista não como algo estático e destrutivo, mas como algo transitório, que pode ser transformado pela ação humana. Em Marx, as grandes transformações históricas se deram primeiramente no campo da economia, causadas por contradições geradas no interior do próprio modo de produção. Diferentemente de Hegel, no entanto, Marx não concebe uma história que anda sozinha, guiada por uma Razão ou um Espírito, mas sim uma história feita pelos homens, que interferem no processo histórico e podem, dessa forma, transformar a realidade social, sobretudo se alterarem seu modo de produção.

Modo de produção é a maneira como se organiza a produção material em dado estágio de desenvolvimento social. Essa maneira depende do desenvolvimento das forças produtivas e das formas de relação de produção. Por forças produtivas entende-se a força de trabalho humano e os meios de produção, tais como máquinas, ferramentas etc. Na obra *A Ideologia Alemã* Marx expõe, numa perspectiva histórica, os seguintes modos de produção: o comunismo primitivo, o escravismo na antiguidade, o feudalismo na Idade Média e o capitalismo na Idade Moderna (Marx e Engels, 1999a, p. 15-19). A passagem de um modo de produção a outro se dá no momento em que o nível de desenvolvimento das forças produtivas entra em contradição com as relações sociais de produção.



**A educação escolar como um processo de reprodução da ideologia da classe dominante em  
Karl Marx**  
Delfino Jorge Banze

*Marx e a sociologia das classes*

Segundo Marx e Engels, da obra *O manifesto do Partido Comunista*, a história de todas as sociedades que existiram até nossos dias tem sido a história das lutas de classes (Marx & Engels, 1999b: 7). Os homens têm vivido numa guerra ininterrupta, ora franca, ora disfarçada; uma guerra que culmina sempre com uma transformação revolucionária, da sociedade inteira, ou pela destruição das classes em luta. Estas classes, contraditória e dicotomicamente guerrilheiras, manifestam-se em homens livres e escravos, patrícios e plebeus, barões e servos, em geral, opressores e oprimidos. Todas as sociedades foram marcadas pelo antagonismo de classes: a dominante e a dominada. Na antiguidade, haviam patrícios e escravos; na idade média, encontramos senhores e servos; e na sociedade burguesa moderna, encontramos novas classes: a burguesia e o proletariado. A burguesia sendo a classe dominante e o proletariado a classe dominada. (Ibid., p. 8)

A burguesia derrubou todas as actividades até então reputadas veneráveis e encaradas com o piedoso respeito, como sustenta Marx, ela:

[...] afogou os fervores sagrados do êxtase religioso, do entusiasmo cavalheiresco, do sentimentalismo pequeno-burguês nas águas geladas do cálculo egoísta. Fez da dignidade pessoal um simples valor de troca; substituiu as numerosas liberdades, conquistadas com tanto esforço, pela única e implacável liberdade de comércio. Em uma palavra, em lugar da exploração velada por ilusões religiosas e políticas, a burguesia colocou uma exploração aberta, cínica, directa e brutal (Ibid., p.11).

A burguesia apagou as relações sociais, inclusive as familiares, fundamentadas por sentimentos, reduzindo-as apenas numa relação económica, isto é, simples relações de trocas monetárias. Da mesma maneira que subordinou o campo à cidade, os países bárbaros ou semi-bárbaros aos países civilizados, os desenvolvidos aos subdesenvolvidos, subordinou os operários e camponeses aos burgueses. O que Marx pretende dizer, é que a burguesia transformou o homem em coisa, uma máquina e que os meios de produção capitalista alienam o homem. A burguesia vive e alimenta-se de exploração do homem pelo homem e é a origem das desigualdades sociais. Mal o proletariado começa a existir como classe social empenha-se na luta contra a burguesia. A princípio, empenham-se



## **A educação escolar como um processo de reprodução da ideologia da classe dominante em Karl Marx**

Delfino Jorge Banze

operários isolados, mais tarde, operários de uma mesma fábrica, finalmente operários do mesmo ramo de indústria, de uma mesma localidade, contra o burguês que os explora directamente. Esta luta vai culminar na vitória inevitável do proletariado, que vai abolir a propriedade e as classes sociais e instaurar uma sociedade sem classes: o comunismo (Marx e Engels, 1999b, p. 20a).

### **A Educação e a Ideologia da Classe Dominante em Marx**

Marx não escreveu nenhuma teoria educacional, mas dentro dos seus escritos podemos encontrar uma preocupação com a educação. O principal problema que Marx procurou resolver foi a questão dos meios e modos de produção capitalista como forma de exploração do homem pelo homem. Entretanto, é dessa sua preocupação fundamental que traz as suas ideias da educação. Com isso, pretendemos trazer neste capítulo as suas ideias educacionais e aquelas que podemos inferir a partir da sua reflexão sobre a dinâmica da sociedade capitalista.

#### *A Escola como um lugar de imposição dos interesses da classe dominante*

Na visão de Marx, todas as instituições do Estado tem a função de reproduzir e legitimar a ideologia da classe dominante. A palavra ideologia tem vários significados. Foi criada pelo filósofo francês Destutt de Tracy (1754-1836), com ela queria dizer “ciência das ideias”, compreendendo o estudo da origem e a evolução das ideias. Posteriormente, passou a significar ideias próprias de certos grupos sociais e políticos, por exemplo, fala-se da ideologia liberal, da ideologia da esquerda, da ideologia burguesa etc.

Em Marx, ideologia não seria apenas um conjunto de ideias que elaboram uma certa compreensão da realidade (como afirma Hegel), mas um conjunto de ideias que dissimulam essa realidade, porque mostram as coisas apenas de forma parcial e distorcida em relação ao que realmente são (Marx apud Cotrim, 2000, p.47). Marx citado por Meksenas, sustenta que a ideologia tem funções como a de preservar a dominação de classes apresentando uma explicação apaziguadora para as diferenças sociais. Seu objetivo é evitar um conflito aberto entre opressores e oprimidos. A ideologia é, portanto,



## **A educação escolar como um processo de reprodução da ideologia da classe dominante em Karl Marx**

Delfino Jorge Banze

uma forma de consciência da realidade, mas uma consciência parcial e ilusória, que se baseia na criação de conceitos como instrumentos de dominação. Ela impõe valores e ideias da classe dominante como sendo a única visão correta de sociedade e a consequente tentativa de fazer com que o proletariado pense com os valores da classe dominante. Nos tempos modernos, a classe dominante utiliza os meios de comunicação de massa, os jornais, as leis e, principalmente, a educação para impor a sua visão do mundo (Marx apud Meksenas, 2005, p. 66).

Ora, Marx observou no Manifesto Comunista: (...) *As leis, a moral, a religião (e acrescentamos a educação) são para eles (os proletários) meros preconceitos burgueses, atrás dos quais se ocultam outros interesses burgueses* (Marx e Engels, 1999, p.25a)

Também observou na Ideologia alemã:

Sendo portanto o Estado a forma através da qual os indivíduos de uma classe dominante fazem valer os seus interesses comuns e na qual se resume toda a sociedade civil de uma época, conclui-se que todas as instituições públicas têm o Estado como mediador e adquirem através dele uma forma política. Daí a ilusão de que a lei repousa sobre a vontade e, melhor ainda, sobre uma vontade livre, desligada da sua base concreta (Marx e Engels, 1999, p. 124a).

Nesta maneira de conceber a relação entre a classe dominante e a dominada com relação às instituições públicas, pode-se concluir que para Marx a educação desempenha o papel de transmissora dos interesses e objetivos dos que detém poder, seja ele econômico, político ou social; ela tem a função primordial de inculcar nos indivíduos o espírito dominável e servil. Deste modo, como observou Meksenas, as regras de funcionamento da escola, os seus conteúdos de aprendizado são meios para reproduzir a desigualdade da sociedade capitalista. A escola, transmitindo essa ideologia, seria um instrumento de propaganda e defesa da cultura de uma classe, para ajudá-la a manter seu poder e domínio sobre a classe trabalhadora (Meksenas, 2005, p. 67-68).

Marx, interpretado por Meksenas, observou as diferenças de qualidade de educação entre os filhos dos burgueses e os filhos dos proletários. A educação dos filhos dos burgueses é mais aperfeiçoada e completa, com acesso às melhores escolas, aos melhores professores e materiais didáticos para, assim, com bom nível de conhecimentos, poder aperfeiçoar e se eternizar como membro da classe dominante. Enquanto a educação



## **A educação escolar como um processo de reprodução da ideologia da classe dominante em Karl Marx**

Delfino Jorge Banze

dos filhos dos proletários tem dois objectivos: preparar a consciência do indivíduo para perceber apenas a visão de mundo da classe dominante como correcta, isto é, transmissão de ideologia; e preparar o indivíduo para o trabalho, disciplinando e treinando o físico ou a mente dos jovens para que possam exercer adequadamente suas tarefas no trabalho (idem).

Em Moçambique, no tempo colonial, os portugueses confiaram às missões católicas as tarefas de transmitir valores do interesse colonial. O papel fundamental da educação seria o de “aportuguesar os indígenas” como forma de melhor controlar e oprimir. Esta educação teria que ser contrária à iniciada pelas missões protestantes. Se a das missões era baseada nas culturas locais, a portuguesa tinha que ser baseada na língua portuguesa, na história e geografia de Portugal. As línguas tsonga só podiam ser usadas, num primeiro momento, na educação eclesiástica e, num segundo momento, como servas da língua portuguesa, ou seja, como médiuns da compreensão e aprendizagem do português. Nesta educação, os próprios nomes dos indígenas eram rejeitados e punha-se como condição de ingresso às escolas coloniais a atribuição de um nome português. Também tinha como objetivo, formar os indígenas para atividades servis: sapateiros, alfaiates, barbeiros, etc. Assim, como afirma Ngoenha, “os programas de educação luso-centrados, não tinham em conta a cultura material de Moçambique [...]” e “era um factor de desnaturalização enorme para os indígenas em Moçambique” (Ngoenha, 2000, p. 32-33). Esta educação não visava formar indivíduos autônomos no pensar e no agir, mas indivíduos servis, fiéis aos ideais da metrópole.

Castiano e Ngoenha (2005) contam-nos que, com a conquista da independência política e a instauração de um estado socialista, a educação exerceu um papel importante na propaganda e reprodução da ideologia social-comunista, pois, é nas escolas onde a ideologia foi, não só reproduzida, mas, também, implementada. Por exemplo, o trabalho colectivo das machambas escolares, limpezas colectivas na escola, etc., é, também, nas escolas onde se reproduziam *slogans* socialistas, como “abaixo a burguesia”, “abaixo o obscurantismo”, entre outros. Neste período, qualquer cidadão que contrariasse a



**A educação escolar como um processo de reprodução da ideologia da classe dominante em  
Karl Marx**  
Delfino Jorge Banze

ideologia do estado-socialista era visto como inimigo e, não raras vezes, era marginalizado.

Idem, na era actual, os filhos das elites políticas e económicas não estudam nas escolas públicas moçambicanas, onde as passagens são automáticas e o ensino é deficiente. Estudam nas escolas privadas nacionais ou no estrangeiro, onde a qualidade de ensino e de formação é garantida. Esta sabotagem da educação em Moçambique é, na verdade, resultante de uma agenda que consiste em fragilizar a formação intelectual da sociedade para melhor oprimir. Isto explica o facto de, após a sua morte, Azagaia, um rapper intelectual de intervenção social (considerado herói da juventude pelo povo, mas marginalizado pelo Estado), ter sido associado às drogas e difamado num texto intitulado “Músico moçambicano Azagaia detido pela polícia,” da página 111 do livro de Português da 8ª classe do Ensino Geral do sistema nacional educacional moçambicano. Depois da contestação popular nas redes sociais, foi retirada a página. Azagaia foi dos poucos jovens artistas e intelectuais que despertou a consciência das massas sobre a opressão das elites políticas, em quase todos os âmbitos da vida.

A educação em Moçambique continua sendo uma educação cujos currículos ignoram as diversas realidades socioculturais das comunidades. Muitas vezes os currículos são traçados sem se tomar em conta as necessidades locais, a experiência cultural de um povo ou da comunidade e as suas línguas locais. Prova disso, é o facto de os livros escolares abordarem sobre a homossexualidade e orientação sexual metabinária (livro de Ciências Naturais, da 7ª classe, página 103), num país em que este fenómeno é visto como insólito e abominação em todas as culturas. Estas doutrinações são impostas pelos financiadores da educação ocidentais.

O português continua sendo o veículo principal de ensino, comunicação e interação nas escolas, mesmo naquelas comunidades em que as crianças têm pouco domínio da língua.

O uniforme escolar consiste num estilo de vestimenta próprio da classe dominante: roupa formal, calças ou saias de pano, com camisa e gravata. A gravata tem sido exigida de



## **A educação escolar como um processo de reprodução da ideologia da classe dominante em Karl Marx**

Delfino Jorge Banze

forma obrigatória. Esta forma de se vestir é própria das elites políticas, e estas sujeitam os pobres, lá da zona rural, a tê-la como modelo.

Na verdade, pouco existe em nossa educação, que desenvolve no aluno o gosto pelo estudo e pesquisa. Basta falarmos em conteúdos alheios à realidade histórico-social de Moçambique e da sua problemática. Basta falarmos de ciências que não ensinam os conteúdos locais, como é o caso da filosofia. A filosofia africana, em geral, e a moçambicana, em particular, é pouco ensinada nas escolas e instituições do ensino superior em Moçambique, razão pela qual a maioria dos temas de monografias de conclusão dos cursos versam de problemas alheios à nossa realidade. Isto poderia aplicar-se à maioria das ciências. Basta falarmos, também, da autoridade do professor moçambicano em relação, não só aos educandos mas também aos encarregados da educação e à comunidade. Esta educação caracteriza-se pela descrença no educando, no seu poder de fazer, de pensar, de trabalhar, de discutir. Ora, “a democracia e a educação democrática se fundam ambas, precisamente, na crença no homem. Na crença em que ele não só pode mas deve discutir os seus problemas, os problemas do seu país, do seu continente e do mundo” (Freire, 2007, p. 97).

Para Paulo Freire a educação é um acto de amor, de debate e de análise crítica da realidade. Para ele, não é possível aprender a discutir e a debater ideias numa educação que dita ideias, discursa aulas, tudo impõe (Idem).

Paulo Freire está contra a pedagogia opressora, aquela que reina em sociedades cuja dinâmica estrutural conduz à dominação de consciências, em que a pedagogia dominante é a pedagogia das classes dominantes, que usa métodos de opressão no processo de ensino e aprendizagem e que, portanto, não pode servir à libertação do oprimido. Entretanto, nestas sociedades ele propõe a educação como prática de liberdade, isto é, a pedagogia do oprimido. Não pedagogia para o oprimido mas do próprio oprimido, quer dizer, é o próprio oprimido que é o sujeito dessa prática da liberdade, é ele que se redescobre e reconquista-se como sujeito da sua história. A pedagogia do oprimido é contrária e incompatível como uma pedagogia que de forma consciente ou dissimulada se faz pedagogia da dominação. A pedagogia que faça da opressão e de suas causas o objecto





## **A educação escolar como um processo de reprodução da ideologia da classe dominante em Karl Marx**

Delfino Jorge Banze

de reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará (Freire, 1987, p. 32).

Gramsci procurou suplantar a história cultural italiana da sua época, porque, segundo ele, a história italiana de então, não estava enraizada na realidade italiana, mas sim estava intrinsecamente ligada ao cosmopolitismo que vigorava na Itália desde o Império Romano, pelo facto de a Itália ser a sede da Igreja Católica e geograficamente universal. Uma das propostas deste pensador para superar este problema, é a introdução da escola unitária ou de formação humanista, ou ainda, de cultura geral. A escola unitária teria a função de dotar os jovens de conteúdos para a actividade social, dotá-los de autonomia, iniciativa e maturidade para a criação intelectual e prática, devendo estar ao cargo do governo para o seu funcionamento e manutenção. Especialmente, cabe à escola unitária “criar os valores fundamentais do humanismo, autodisciplina intelectual e autonomia moral necessárias a uma posterior especialização, seja ela de carácter científico ou de imediatamente prático-produtivo” (Gramsci, 2001, p. 39).

Para nós, a educação moçambicana tem que ser uma bantugogia se se quiser libertada e libertadora. Por Bantugogia entendemos como teoria educacional do direcionamento da pessoa, ou seja, educação da pessoa africana da região bantu. Desconstruindo a palavra, o termo deriva das línguas “bantu” que significa “pessoas” em contracção com o grego *gógia* que significa direcção ou educação. Filosoficamente definindo, bantugogia será a corrente pedagógica que norteia a educação dos povos bantu (os muntus). É uma filosofia da educação dos africanos da região bantu na medida em que partilham muitos valores comuns. Será uma pedagogia cujo valor supremo é a liberdade, mas antes de mais, a liberdade mental, dado que só esta poderá condicionar outras formas de liberdade.

Esta pedagogia será baseada na ontologia bantu (conjunto de comportamentos comuns essenciais dos bantu), os métodos da pedagogia libertadora de Freire, que são o diálogo, a conscientização (da opressão) e sua problematização; também, basear-se-á nos valores ubuntu (humanismo africano), sob os quais o supremo é a humanidade, enquanto qualidade para se ser um ser humano; e pelos saberes globais locais e afrocentrados, ou



## **A educação escolar como um processo de reprodução da ideologia da classe dominante em Karl Marx**

Delfino Jorge Banze

seja, os saberes encontrados nas nossas comunidades locais em fusão com os saberes ocidentais, colocando-se como ponto de referência a África.

### *Crítica ao pensamento educacional de Marx*

Dentre vários críticos do pensamento de Karl Marx, destacaremos apenas um, Max Weber, por ser quem tocou na ideia da educação. Para Max Weber o capitalismo não vive nem se alimenta de condições eminentemente econômicas, nem da exploração do homem pelo homem, mas sim aparece devido à mudança de valores (ética) que ocorre na Idade Média (secularização). Para ele, o capitalismo traz em si uma ética própria do seu tempo, por meio da qual ganhar dinheiro passa a ser uma expressão de virtude.

O capitalismo em Weber é fundamentado pela ética protestante, mostrando que essa nova forma de pensar e agir trazida pela reforma será essencial para criar condições necessárias ao advento do capitalismo, e a ética racional do lucro torna-se legítima. Além disso, passa a regular várias esferas da vida, inclusive a educação. Daí verificar-se nos tempos hodiernos uma educação virada para a formação para o mercado do trabalho, para ganhar-se dinheiro (Lakatos e Marconi, 2010, p. 269).

### **Conclusão**

Como vimos no desenrolar deste ensaio, a educação em Marx é um instrumento de imposição e reprodução da ideologia da classe dominante para a classe dominada, ela tem a função primordial de inculcar nos indivíduos os interesses e valores da classe opressora.

Concluimos que o mérito de Marx foi o de ter tido uma visão muito aguda sobre a realidade económico-política e social crítica do seu tempo e de a ter descrito criticamente com tal profundidade que o transforma num dos maiores génios da humanidade de todos os tempos. A sua filosofia exerceu e continua exercendo grande influência nas elites intelectuais e políticas de todos os cantos do mundo. O seu demérito foi o de ter tido uma visão demasiado utópica na resolução dos problemas da sociedade capitalista: a instauração do comunismo e o banimento das classes sociais e, portanto, a defesa da igualdade entre os homens. Pois, a história ensina-nos que o socialismo não cumpriu com



## **A educação escolar como um processo de reprodução da ideologia da classe dominante em Karl Marx**

Delfino Jorge Banze

as promessas que a doutrina de Marx buscava realizar: não contribuiu para a maior liberdade dos homens, nem resolveu a questão da exploração do homem pelo homem.

Quanto à educação, pensamos que era necessário que Marx tivesse pensado numa educação como prática da liberdade, isto é, a pedagogia do oprimido, como prefere Paulo Freire, como alternativa à educação ideológica opressora. Na qual o objetivo central fosse a libertação das massas sob o jugo da ideologia da classe dominante.

Para nós a solução libertadora, é a bantugogia. A bantugogia seria a teoria educacional de libertação dos bantu, em particular dos moçambicanos. Esta pedagogia será baseada na ontologia bantu (conjunto de comportamentos comuns dos bantu), os métodos da pedagogia libertadora de Freire, que são o diálogo, a conscientização (da opressão) e a problematização, também basear-se nos valores ubuntu, sob os quais o supremo é a humanidade, enquanto qualidade para se ser um ser humano, e pelos saberes globalocais e afrocentrados, ou seja, os saberes encontrados nas nossas comunidades locais em fusão com os saberes ocidentais; estes saberes deverão ser relacionados com as grandes invenções e criações científicas e artísticas dos negros que contribuíram para o progresso do espírito humano no mundo.

Somente com uma educação bantugógica podemos devolver o ser essencial dos moçambicanos e a sua liberdade hipoteca por um estado opressor e totalitarista. No entanto, não se deve entender a libertação dos moçambicanos como um processo que se fará de forma cega, dever-se-á entender-se como um processo crítico, no qual o sentido existencial se questiona a si próprio com vista a sua reinvenção.

Esta pesquisa limitou-se na interpretação do pensamento de Marx no contexto da realidade educacional moçambicana, sendo uma pesquisa puramente teórica. Assim, pelas suas limitações, recomendamos que se aprofunde no tema através da realização de um estudo de caso, no qual os currícula sejam objecto de análise e reflexão críticas.

### **Referências**

Castiano, J. P. & Ngoenha, S. E. **A Longa Marcha duma Educação para Todos em Moçambique**. 2ª ed. Maputo: Imprensa Universitária, 2005.



**A educação escolar como um processo de reprodução da ideologia da classe dominante em  
Karl Marx**  
Delfino Jorge Banze

Cotrim, Gilberto. **Fundamentos da Filosofia**. História e Grandes Temas. 15<sup>a</sup> ed. Belo Horizonte: Saraiva, 2000.

Feuerbach, L. **A Essência do Cristianismo**. Rio de Janeiro, Editora Vozes, 2007.

Freire, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 11<sup>a</sup> Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

Freire, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. 30<sup>a</sup> Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

Gramsci, Antonio. **Cadernos do Cárcere. Os intelectuais**. O Princípio Educativo. Jornalismo. Tradução: Carlos Coutinho. V. 2. 2<sup>a</sup> edição, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

Hegel, G.W.F. **Razão na História**. 2<sup>a</sup> ed. São Paulo: Centauro, 2004.

Lakatos, E. M. & Marconi, M. A. **Sociologia Geral**. 7<sup>a</sup> ed. São Paulo: Atlas, 2010.

Marx, K. **O capital**: Crítica da Economia Política. V. 1. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

Marx, K. **Para Crítica da Filosofia do Direito de Hegel**. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2008.

Marx, K. **Manifesto Comunista**; s/l: RocketEdition, 1999b.

Marx, Karl. & Engels, Friedrich. **A ideologia alemã**. s/l: Ridendo Castigat Mores, 1999a.

Meksenas, Paulo. **Sociologia da Educação**. Introdução ao estudo da Escola no processo de transformação social. 12<sup>a</sup> ed. São Paulo: Loyola, 2005.

Ngoenha, Severno Elias. **Estatuto e Axiologia da Educação**. Maputo: Livraria Universitária Universidade Eduardo Mondlane (UEM), 2000.